

Leitura clandestina de “Caminho”

Dois bispos da Bulgária dão o seu testemunho sobre o impacto de uma tradução clandestina de Caminho em suas vidas e na dos seus fiéis no final do século XX, quando, neste país, a fé era perseguida.

17/10/2025

D. Christo Proykov nasceu em Sófia (Bulgária) em 1946. Foi ordenado sacerdote em 1971 e bispo em 1994. De 1995 a 2024 foi eparca de Sófia, ou seja, bispo dos católicos de rito

oriental. Foi testemunha da perseguição sofrida pela Igreja búlgara até 1989, que incluiu prisão, torturas e martírio. Um dos seus livros espirituais de referência durante esse tempo foi precisamente *Caminho*, na sua primeira tradução para búlgaro.

O outro protagonista do vídeo, D. Rumen Stanev, nasceu em 1973 em Kaloyanovo, perto de Plovdiv, foi ordenado sacerdote em 1999 e bispo em 2020. Atualmente é bispo auxiliar da Diocese de Sófia-Plovdiv. O seu conhecimento da perseguição na época comunista está mais relacionado com a discriminação sofrida pelos católicos.

Ambos compartilham neste vídeo várias recordações dos seus anos como sacerdotes entre jovens, do uso de *Caminho* para a oração pessoal e dos desafios de viver a fé num país em que era perseguida.

D. Christo Proykov relata-o assim:

“Como sacerdote podia celebrar Missa, podia pregar na igreja, mas os serviços secretos diziam que só podia fazer isso. Não podia ter contato com jovens, nada de catequese, nenhuma outra atividade. Organizávamos atividades, mas de forma clandestina.

Trabalhava com jovens, muitas vezes os encontros eram na tribuna da igreja, onde canta o coro. O grupo era pequeno, mas eram bons e cresceram na fé. Gosto de recordar precisamente essa época, quando também saímos da cidade para fazer excursões, e éramos muito felizes por estarmos juntos.

Nesses tempos de perseguição tudo era difícil, perigoso, mas também havia algo de romântico, de certo modo. Digamos que, ao conseguir fazer uma excursão sem que nada acontecesse, a gente se sentia muito

feliz por nada ter acontecido, e ter cumprido o próprio dever.

Conheci *Caminho* porque um sacerdote, que também tinha passado pela prisão – o padre Kupen Mikhaylov – o traduziu de forma clandestina com a ajuda de Ricardo Estarriol, que também foi muito corajoso ao assistir todos os dias à Missa, de manhã cedo, dando assim um exemplo muito bonito para todos nós e dando também coragem para viver a fé.

Nem sequer nós sabíamos que estava sendo preparada uma tradução de *Caminho*. Tudo era segredo entre os dois, Ricardo Estarriol e o padre Kupen Mikhaylov. Por fim, de forma clandestina, saiu a tradução, foi impressa em Viena e regressou sob a forma do pequeno livrinho azul que eu levava até no carro”.

Por sua vez, D. Rumen Stanev recorda o bem espiritual que este

livro lhe fez, a ele e aos jovens que acompanhava:

“Quando comecei a ir à igreja havia um livrinho pequeno, *Caminho*, azul – lembro-me muito bem. Talvez fosse um dos poucos livros católicos, se não o único, impresso. E além disso era muito prático, porque era de bolso. Era fácil de levar.

Lembro-me de o lermos muitas vezes quando nos reuníamos com os jovens. E depois, em diferentes viagens, peregrinações e encontros, às vezes até como um jogo: “Diz um número, por exemplo, 385. Vamos ver o que sai”. Depois cada um dizia um número e assim todos liam. Dizíamos: “Ah, o Senhor quer dizer alguma coisa com o que você ouviu”.

Penso que em todos nós, naquela época, *Caminho* teve uma grande influência, porque era um dos poucos livros que podíamos ler, e acho que nos ajudou de forma muito

positiva, porque também a mensagem do Opus Dei é santificar esse tempo, santificar cada momento. Isto é o cristianismo.

Para todos os sacerdotes dessa época, também para as irmãs e para os jovens, teve uma grande influência. Eu continuo a ler o livro com muito gosto, até com os jovens. *Caminho* dá-me um pequeno pensamento para viver cada dia”.

Recordações da primeira tradução clandestina de *Caminho* para búlgaro

A seguir, apresentamos o relato da primeira tradução de *Caminho*, extraído do livro de memórias de Ricardo Estarriol, *Un corresponsal en el frío* (*Um correspondente no frio*).

Uma das primeiras coisas que eu costumava fazer sempre que ia a um país ou cidade desconhecida era

informar-me sobre locais e horas a que podia assistir a uma missa na manhã seguinte. Foi também o que fiz quando cheguei a Sófia pela primeira vez, em 1968 (para cobrir a reunião de cúpula do Pacto de Varsóvia).

Uma das primeiras pessoas que conheci no centro de imprensa foi um emigrante catalão chamado Revuelta. Disse-me que trabalhava como jornalista para alguma emissora ou algo parecido, e percebi imediatamente que estava ali para observar como nós, os dois jornalistas espanhóis recém-chegados (Eguiagaray e eu), iríamos nos portar para cobrir a cúpula.

Como já era muito tarde para procurar, perguntei a Revuelta onde poderia assistir a uma Missa católica na manhã seguinte. É provável que ele não tivesse recebido instruções de ninguém sobre isso; limitou-se a

dizer o que sabia: que há pouco tempo o governo tinha permitido a reabertura de uma pequena capela de religiosas católicas na rua Asen Zlatarov. Foi lá que encontrei uma Missa.

Para garantir, no dia seguinte saí muito cedo do hotel e dirigi-me à capela. Toquei a campainha junto ao portão do pequeno jardim que rodeava a capelinha e esperei. A espera foi longa, até que uma freira vestida com o hábito das carmelitas abriu a porta.

Perguntei se iam ter Missa e respondeu-me que sim, mas mais tarde, às sete. Entrei na pequena igreja e, embora não houvesse iconostásio, percebi que era de rito oriental. Sentei-me num banco.

Pouco a pouco foram chegando uma meia dúzia de pessoas, que se mantinham na parte de trás. Ouvi alguns sussurros e percebi que tinha

me sentado no banco reservado às monjas de clausura (que, obviamente, não podiam observar a clausura, mas pelo menos tinham o seu banco). Conseguí retirar-me a tempo. Finalmente apareceu o sacerdote – que era o próprio bispo Stratiev – e celebrou a santa Missa em rito oriental.

Durante o resto do dia, dediquei-me a tentar compreender o que os dirigentes do Pacto de Varsóvia estavam fazendo para travar, de alguma forma, a Primavera de Praga e assim poder contar a história no jornal *La Vanguardia*.

No dia seguinte, a mesma freira pediu-me que ficasse um momento depois da missa, porque “a madre superiora queria falar comigo”.

Era natural que a minha presença tivesse causado algum alvoroço naquela casa: a meia dúzia de carmelitas que moravam lá não

sabiam bem o que pensar. A madre Blazhena contou-me depois, com enorme simplicidade, os problemas que tinham enfrentado para manter aquela fundação carmelita.

Quando lhe disse que era membro do Opus Dei, reagiu com grande espontaneidade: “Não sabemos o que é o Opus Dei, mas imaginamos que deve ser uma coisa boa, porque há pouco tempo o *Rabotnichesko Delo* (órgão oficial do partido comunista búlgaro) publicou um artigo furioso contra essa instituição”.

Entreguei-lhe alguns escritos de Josemaria Escrivá que levava comigo, e ela providenciou para que, no dia seguinte, eu pudesse falar com outro sacerdote, que iria celebrar a missa ali. Esse sacerdote era Kupen Mihaylov, um pároco greco-católico que tinha passado 14 anos na prisão.

Foi ele quem traduziu *Caminho* para búlgaro. A primeira edição teve que

ser impressa fora da Bulgária. Não queria nenhuma recompensa nem honorários pelo trabalho, mas depois de muita insistência, disse que uma máquina de escrever nova com teclado cirílico seria muito útil.

A minha seguinte viagem a Sófia aconteceu por ocasião do X Congresso do Partido Comunista da Bulgária, em 1971, três anos depois. Quando voltei, foi a mesma freira que me abriu a porta e cumprimentou-me tranquilamente com um *“Khristos e vüzkriüsna”* (“Cristo ressuscitou”).

Eu devia ter respondido *“Khristos enaistina vüzkriüsna”* (“Cristo ressuscitou verdadeiramente”), mas não reagi a tempo. Estábamos na Semana da Páscoa do calendário juliano, e esta é a saudação tradicional dos cristãos de rito oriental nessa época. Nessa viagem

conheci o então jovem sacerdote Proykov.

Fui tão distraído que saí de Viena sem comprar a desejada máquina de escrever. Desculpei-me como pude e perguntei às freiras se, em vez da máquina, gostariam de outro presente. A madre Blazhena recusou várias vezes, mas uma das irmãs – a ecônoma – sugeriu que lhes oferecesse uma máquina de lavar automática.

Já estava me imaginando transportando uma máquina de lavar comprada em Viena, mas a ecônoma sabia, apesar da clausura, que nos armazéns Korekom, em Sófia, se vendia exatamente o modelo de que precisavam: disse-me a marca, o tipo e a capacidade em litros.

Esses armazéns vendiam produtos de qualidade, mas só podiam ser comprados por estrangeiros, por

membros da nomenclatura ou por búlgaros que provassem possuir legalmente divisas ocidentais. Nessa noite, durante um jantar com colegas e diplomatas, fiz uma coleta: um colega alemão e um diplomata espanhol completaram generosamente a quantia que eu tinha pensado gastar no presente.

No dia seguinte, em vez de assistir disciplinadamente às sessões do Congresso, pedi ao porteiro do hotel que chamasse um táxi para o transporte. Como o táxi não chegava, o porteiro sugeriu que perguntasse a um dos motoristas dos imponentes Mercedes pretos da nomenclatura se me levava, mediante uma discreta gorjeta “em dólares”.

Nunca imaginei que fosse possível. Mas, como eu usava, tal como os congressistas, um crachá vermelho com o meu nome e a foice e o martelo, o motorista deve ter

pensado que eu era um convidado comunista estrangeiro. Não estranhou que eu lhe desse o endereço do Korekom: estacionou onde quis e acompanhou-me pessoalmente, chamando o gerente, a quem mostrei o papel com as indicações.

A operação foi rápida: carregamos juntos a volumosa embalagem para o porta-malas do carro, e até um empregado, munido de uma corda, insistia em subir conosco para ajudar. Agradeci, mas expliquei que a máquina ficaria no térreo. Com o porta-malas aberto (a máquina de lavar mal cabia dentro) e violando várias regras de trânsito, o motorista me levou ao endereço que eu havia dado.

Quando parou o carro diante do portão da igreja, em que estava o número, olhou-me surpreendido: “No tova e tsurkva!”, Mas isto é uma

igreja (...). Eu disse que sim, que aquilo era uma igreja, toquei a campainha e, sem mais explicações, pedi que ele me ajudasse a transportar a máquina de lavar. A porteira abriu a porta, me viu, e a primeira coisa que fez foi chamar toda a comunidade.

É uma pena que ninguém tenha filmado a cena: um carro preto da nomenclatura, todos os adesivos oficiais do partido levando uma máquina de lavar para uma comunidade de carmelitas descalças; as freiras em procissão a acompanhar-nos, enquanto repetiam “milagre! milagre!”. Fizemos a viagem de volta em silêncio. Tenho a impressão de que o motorista do Mercedes preferiu não contar aos seus chefes o que tínhamos feito.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/leitura-
clandestina-de-caminho/](https://opusdei.org/pt-br/article/leitura-clandestina-de-caminho/) (19/01/2026)